

QUALITY COPY  
PASTA: 10  
PROF: NIREI  
DATA: 09-05-2012  
Q14 DAG

Maria Lúcia de Arruda Aranha  
Maria Helena Pires Martins

# FILOSOFANDO

Introdução à Filosofia



 Moderna

  
ADEQUADO AO  
NOVO ACORDO  
ORTOGRAFICO

# Moderna

**Coordenação editorial:** Maria Raquel Apolinário, Eduardo Augusto Guimarães

**Edição de texto:** Teia Editorial

**Assistência editorial:** Vivian Kaori Ehara

**Preparação de texto:** Carlos Zanchetta

**Coordenação de design e projetos visuais:** Sandra Botelho de Carvalho Homma

**Projeto gráfico e capa:** Everson de Paula

**Capa:** Mulher sentada, de Pablo Picasso, 1932 / A+comunicação

**Coordenação de produção gráfica:** André Monteiro,  
Maria de Lourdes Rodrigues

**Coordenação de arte:** Maria Lucia F. Couto

**Edição de arte:** Renata Susana Rechberger

**Assistente de produção:** Márcia Nascimento, Tais Nakano, Daniela Máximo

**Cartografia:** Alessandro Passos da Costa

**Ilustradores:** Carlos Caminha, Vicente Mendonça, Paulo Manzi

**Coordenação de revisão:** Elaine Cristina del Nero

**Revisão:** Iolanda Maria do Nascimento, Todaescrita Serviços Ltda.

**Coordenação de pesquisa iconográfica:** Ana Lucia Soares

**Pesquisa iconográfica:** Maria Helena Pires Martins (unidade 7 e capítulo 5),  
Ricardo Fabbrini, Cristina Mura

As imagens identificadas com a sigla CID foram fornecidas pelo Centro de  
Informação e Documentação da Editora Moderna.

**Coordenação de bureau:** Américo Jesus

**Tratamento de imagens:** Pix Art

**Pré-impressão:** Hélio P. de Souza Filho, Márcio Hideyuki Kamoto,  
Everton L. de Oliveira

**Coordenação de produção industrial:** Wilson Aparecido Troque

**Impressão e acabamento:** Ricargraf

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aranha, Maria Lúcia de Arruda  
Filosofando : introdução à filosofia / Maria  
Lúcia de Arruda Aranha, Maria Helena Pires  
Martins. -- 4. ed. rev. -- São Paulo : Moderna,  
2009.

Bibliografia.

1. Filosofia 2. Filosofia - Introduções  
I. Martins, Maria Helena Pires. II. Título.  
III. Título: Introdução à filosofia.

09-09113

CDD-101

### Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia : Introdução 101

ISBN 978-85-16-06392-4 (LA)  
ISBN 978-85-16-06393-1 (LP)

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

**EDITORA MODERNA LTDA.**

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho  
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904

Vendas e Atendimento: Tel. (0\_\_11) 2602-5510

Fax (0\_\_11) 2790-1501

www.moderna.com.br

2010

Impresso no Brasil

1 3 5 7 9 10 8 6 4 2

## Agradecimentos

Agradeço ao professor Ricardo Fabbrini, que se dispôs a fazer a leitura crítica de grande parte deste livro e muito me auxiliou no processo de revisão, atualização e ilustração da obra.

Agradeço também à Cristina Mura, que sugeriu imagens para a Unidade de Filosofia das Ciências.

Desejo ressaltar que, se muitos dos acertos devo a eles, as eventuais divergências são de minha exclusiva responsabilidade.

*Maria Lúcia de Arruda Aranha*

# A metafísica da modernidade



O imperador Justiniano e seu séquito (séc. VI). Mosaico da igreja de São Vitale em Ravena, Itália.



O retiro de São Joaquim entre os pastores, Giotto (1266-1377). Igreja de São Francisco de Assis, Itália.

Observe as imagens. O mosaico bizantino data do século VI, enquanto o afresco de Giotto é do começo do século XIV. Representam, portanto, dois momentos históricos diferentes. No mosaico bizantino, o imperador Justiniano está no centro e é a figura maior do seu séquito. A rigidez e a imobilidade da representação não decorrem da inabilidade do artista, mas da maneira pela qual se expressa a severa hierarquia de classes, estabelecida pela organização social teocrática do Império Romano do Oriente.

Por outro lado, Giotto, primeiro mestre do novo humanismo pré-renascentista, rompeu com o estilo linear da era bizantina e quebrou a rigidez da representação. A cena situa-se em uma paisagem terrena, com árvores, pedras, animais; as figuras humanas sugerem "movimento", são expressivas; há o esforço do pintor para superar a bidimensionalidade, até então característica da pintura medieval.

O contraste entre as duas obras representa as mudanças na mentalidade que iria vigorar no Renascimento e na Idade Moderna.

Você saberia explicar que mudanças são essas?

## 1 As mudanças na modernidade

Chamamos **modernidade** ao período que se esboça no Renascimento, desenvolve-se na Idade Moderna e atinge seu auge na Ilustração, no século XVIII. O **paradigma** de racionalidade que então se delineia é o de uma razão que, liberta de crenças e superstições, funda-se na própria subjetividade e não mais na autoridade, seja do poder político absoluto, seja da religião.

De fato, estava sendo gestado um novo período da história ocidental, com mudanças em amplo espectro: sociais, políticas, morais, literárias, artísticas, científicas, religiosas e também filosóficas. A contraposição ao pensamento medieval estimulou a recuperação da cultura greco-latina, agora sem a intermediação da religião, o que denotava a laicização do pensamento: se antes o foco da reflexão era a teologia, na modernidade prevalece a visão antropocêntrica. O século XVII representa, portanto, a culminação de um processo que modificou a imagem do próprio ser humano e do mundo que o cerca.

### ++ PARA SABER MAIS

Algumas das mudanças ocorridas no Renascimento e na Idade Moderna foram: as Grandes Navegações e o descobrimento do Novo Mundo; a revolução comercial e a implantação do capitalismo, com a ascensão da burguesia, a formação das monarquias nacionais; a Reforma protestante; as novas ciências da física e da astronomia

O que vemos afirmar-se na modernidade é uma característica importante do pensamento: o racionalismo, a confiança no poder da razão. E uma das expressões mais claras desse racionalismo é o interesse pelo *método*. É verdade que o método sempre foi objeto de discussão na filosofia, mas nunca com a intensidade e a prioridade que lhe dedicaram os filósofos do século XVII. Sob esse aspecto, merecem destaque na filosofia as reflexões de Descartes, Bacon, Locke e, no âmbito da ciência, de Galileu, Kepler e Newton.

O debate culminou na crítica da razão levada a efeito por Kant no século XVIII. Desde então intensificou-se, quando diversas correntes filosóficas passaram a explicar a relação entre o sujeito que conhece e o objeto conhecido, ou seja, a teoria do conhecimento.

## 2 A questão do método

A revolução científica quebrou o modelo de inteligibilidade do aristotelismo e provocou o receio de novos enganos. Para evitar o erro, a principal indagação do pensamento moderno tornou-se a *questão do método*, que envolveu não só a revisão da metafísica, mas sobretudo o *problema do conhecimento*.

Até então os filósofos partiam do problema do *ser*, mas na Idade Moderna voltam-se para as questões do *conhecer*. Enquanto no pensamento antigo e medieval a realidade do objeto e a capacidade humana de conhecer eram inquestionadas, na Idade Moderna o foco é desviado para a "consciência da consciência". Antes perguntava-se: "Existe alguma coisa?"; "Isto que existe, o que é?". Na modernidade o problema não é saber se as coisas são, mas se *nós* podemos eventualmente conhecê-las. Portanto, as perguntas são outras: "O que é possível conhecer?"; "Qual é o critério de certeza para saber se há adequação entre o pensamento e o objeto?".

Das questões epistemológicas, isto é, relativas ao conhecimento, deriva a ênfase que marcará a filosofia daí por diante. Na Idade Moderna, portanto, o polo de atenção é invertido: volta-se para o *sujeito* que conhece.

As soluções apresentadas a esse problema deram origem a duas correntes filosóficas, uma com ênfase na razão, outra nos sentidos.

- O **racionalismo** engloba as doutrinas que enfatizam o papel da razão no processo do conhecimento. Na Idade Moderna destacam-se como racionalistas: René Descartes — seu principal representante —, Espinosa e Leibniz.
- O **empirismo** é a tendência filosófica que enfatiza o papel da experiência sensível no processo do conhecimento. Destacam-se no período moderno: Francis Bacon, John Locke e David Hume.

### E ETIMOLOGIA

Empirismo. Do grego *empeiria*, "experiência".

**Paradigma.** Modelo, padrão; conjunto de teorias, técnicas e valores de uma determinada época e que, de tempos em tempos, entram em crise.

### 3 O racionalismo cartesiano: a dúvida metódica

Descartes é considerado o “pai da filosofia moderna”, porque, ao tomar a consciência como ponto de partida, abriu caminho para a discussão sobre ciência e ética, sobretudo ao enfatizar a capacidade humana de construir o próprio conhecimento.

#### QUEM É?

René Descartes (1596-1650) é também conhecido pelo nome latino de Cartesius, por isso seu pensamento é dito “cartesiano”. Desde muito jovem, o filósofo interessou-se por matemática, geometria e álgebra. Entre os estudos que desenvolveu, estão a geometria analítica e as chamadas *coordenadas cartesianas*. Conhecedor da ciência de seu tempo, Descartes criticou a educação que teve com os jesuítas. Viveu em um período conturbado e, por temor da Inquisição após a condenação de Galileu, aceitou o convite da rainha Cristina para morar na Suécia, onde veio a falecer, talvez devido ao rigoroso inverno. Escreveu *Discurso do método*, *Meditações metafísicas*, *Regras para a direção do espírito*, *Tratado do mundo*, *Princípios de filosofia*, *Tratado das paixões da alma*, além de inúmeras cartas.



Descartes. Franz Hals, 1649.

MUSEUDO LOUVRE, PARIS

O propósito inicial de Descartes foi encontrar um método tão seguro que o conduzisse à verdade indubitável. Procura-o no ideal matemático, isto é, em uma ciência que seja uma *mathesis universalis* (matemática universal), o que não significa aplicar a matemática no conhecimento do mundo, mas usar o tipo de conhecimento que é peculiar à matemática. Como sabemos, esse conhecimento é inteiramente dominado pela inteligência — e não pelos sentidos — e baseado na ordem e na medida, o que lhe permite estabelecer cadeias de razões, para deduzir uma coisa de outra.

Para tanto, Descartes estabelece quatro regras:

- da **evidência**: acolher apenas o que aparece ao espírito como ideia clara e distinta;
- da **análise**: dividir cada dificuldade em parcelas menores para resolvê-las por partes;
- da **ordem**: conduzir por ordem os pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer para só depois lançar-se aos mais compostos;

- da **enumeração**: fazer revisões gerais para ter certeza de que nada foi omitido.

Vejamos como essas regras são aplicadas, ao fundamentar sua filosofia.

Descartes parte em busca de uma verdade primeira que não possa ser posta em dúvida. Começa duvidando de tudo: do testemunho dos sentidos, das afirmações do senso comum, dos argumentos da autoridade, das informações da consciência, das verdades deduzidas pelo raciocínio, da realidade do mundo exterior e da realidade de seu próprio corpo.

Trata-se da *dúvida metódica*, porque é essa dúvida que o impele a indagar se não restaria algo que fosse inteiramente indubitável. Por isso Descartes não é um filósofo cético: ele busca uma verdade.



Homem vitruviano. Leonardo da Vinci, 1490.

GALERIA DA ACADEMIA, VENEZA, ITALIA

Esse desenho de Leonardo da Vinci tornou-se famoso por ressaltar as proporções matemáticas e a simetria do corpo humano encaixado dentro de um quadrado e de um círculo: quando de pernas juntas e braços em cruz, pés e dedos tocam os limites do quadrado; com pernas afastadas e braços erguidos, tocam as linhas do círculo. A imagem chama-se *Homem vitruviano* porque anteriormente Vitruvius — um arquiteto romano do século I a.C. — teria tentado sem sucesso identificar essa proporção.

Que relação você percebe entre o rigor do desenho de Leonardo da Vinci e o da filosofia de Descartes?

## ► **Cogito, ergo sum**

Descartes só interrompe a cadeia de dúvidas diante do seu próprio ser que duvida:

enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria necessariamente que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade eu penso, logo existo era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos céticos não seriam capazes de a abalar, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulo, como o primeiro princípio da filosofia que procurava.<sup>1</sup>

Esse “eu” é puro pensamento, uma *res cogitans* (um ser pensante). Portanto, é como se dissesse: “existo enquanto penso”. Com essa primeira intuição, Descartes julga estar diante de uma ideia clara e distinta, a partir da qual seria reconstruído todo o saber.



### PARA SABER MAIS

Talvez você ache estranho o fato de nos referirmos ao texto de Descartes, um francês, com expressões em latim. É que, naquela época, ainda era costume os intelectuais se expressarem em latim, a língua considerada culta.

Embora o conceito de ideias claras e distintas resolva alguns problemas com relação à verdade de parte do nosso conhecimento, não dá garantia alguma de que o objeto pensado corresponda a uma realidade fora do pensamento. Como sair do próprio pensamento e recuperar o mundo do qual tinha duvidado? Considerando as regras do método, Descartes deveria passar gradativamente de noções já encontradas para outras igualmente indubitáveis.

Para ir além dessa primeira intuição do *cogito*, Descartes examina se haveria no espírito outras ideias igualmente claras e distintas. Distingue então três tipos de ideias:

- as que “parecem ter nascido comigo” (inatas);
- as que vieram de fora (adventícias);
- as que foram “feitas e inventadas por mim mesmo” (factícias).



### ETIMOLOGIA

**Factício:** Do latim *factitius*, “artificial”. Em Descartes, ideias inventadas pelo espírito.

Ora, o *cogito* é uma ideia que não deriva do particular — não é do tipo das que “vêm de fora”, formadas pela ação dos sentidos — nem tampouco é semelhante às que criamos pela imaginação. Ao contrário, já se encontram no espírito, como fundamento para a apreensão de outras verdades. Portanto, são *ideias inatas*, verdadeiras, não sujeitas a erro, pois vêm da razão. Haveria outras ideias desse tipo além do *cogito*?

Outra ideia inata é a de Deus, que veremos a seguir.

## ► A ideia de Deus

Ao examinar a ideia de Deus, Descartes afirma:

Pelo nome de Deus entendo uma substância infinita, eterna, imutável, independente, onisciente, onipotente e pela qual eu próprio e todas as coisas que são (se é verdade que há coisas que existem) foram criadas e produzidas.<sup>2</sup>

Mas se essa ideia de fato existe na mente, o que garante que represente algo real? Ou seja, Deus existe de fato? Ora, a ideia de um Deus infinito faz pensar que a infinitude repousa na ideia de um ser perfeito. Como somos imperfeitos e finitos, não podemos ter a ideia de perfeição e infinitude, a menos que a causa dessa ideia seja justamente Deus, que imprime em nossa mente a ideia de perfeição e infinitude.

Descartes formula mais uma prova da existência de Deus, conhecida como *prova ontológica*: o pensamento desse objeto — Deus — é a ideia de um ser perfeito; se um ser é perfeito, deve ter a perfeição da existência, caso contrário lhe faltaria algo para ser perfeito. Portanto, ele existe.

Uma vez estabelecida, por dedução, a ideia inata de Deus como ser perfeito, o passo seguinte seria indagar sobre a realidade das coisas materiais.

**Cogito, ergo sum.** Do latim, “Penso, logo existo”.

Não se entenda, porém, a conjunção *logo* como a conclusão de um raciocínio dedutivo. Para Descartes, trata-se de uma intuição pura, pela qual o ser pensante é percebido.

**Onisciente.** Do latim *omnes*, “tudo”. Ser que tudo sabe.

**Onipotente.** Ser que tudo pode.

<sup>1</sup> DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 54.

<sup>2</sup> Idem. 115.

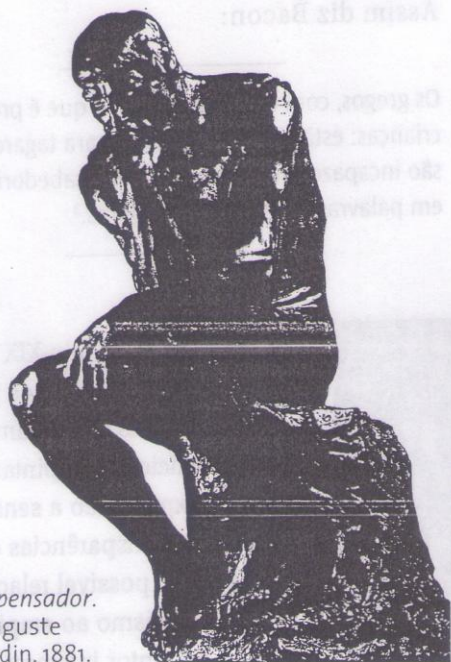


## PARA SABER MAIS

O termo ontologia vem do grego *ontos*, "ser". A prova cartesiana da existência de Deus é ontológica justamente porque busca provar o ser de Deus. O argumento ontológico foi usado anteriormente por Anselmo de Aosta (século XI), filósofo e teólogo medieval. Retomado por Descartes, o argumento foi criticado por Kant, que o inverteu: só poderíamos afirmar que um ser é perfeito se ele existisse de fato. Até hoje esse argumento é controverso.

### ► O mundo

Retomando o caminho percorrido, vimos que Descartes começara duvidando da existência do mundo e de seu próprio corpo. Chegou a levantar inclusive a hipótese de um *deus enganador*, um *gênio maligno*, que o fizesse perceber um mundo inexistente.



*O pensador.*  
Auguste  
Rodin, 1881.

THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/  
GETTY IMAGES

Esta escultura, universalmente usada para representar a reflexão filosófica, exige, ela mesma, nossa reflexão: para Descartes, seria o momento primeiro de introspecção puramente racional, na busca das ideias claras e distintas.

E você, como interpreta a escultura de Rodin?

Considerando a certeza de que Deus existe e é infinitamente perfeito, podemos concluir que não nos enganaria. A existência de Deus é garantia de que os objetos pensados por ideias claras e distintas são reais. Portanto, o mundo existe de fato. E, dentre as coisas do mundo, o meu próprio corpo existe.

Os objetos do mundo externo, porém, chegam à consciência como ideias adventícias (que têm

uma realidade externa), e Descartes aplica o seu método para verificar quais dessas ideias são claras e distintas. Encontra a ideia de *extensão*, uma propriedade essencial do mundo material. Desse modo, são secundárias as propriedades como cor, sabor, peso, som, por serem subjetivas e delas não poderemos ter ideias claras e distintas.

Ao intuir o *cogito*, Descartes já identificara a *res cogitans* (coisa pensante): a ela une a *res extensa* (coisa extensa), o corpo, também atributo das coisas do mundo. À extensão, acrescenta a ideia de movimento, que Deus injetou no mundo quando o criou.

### ► Consequências do cogito

No percurso realizado por Descartes, nota-se uma incontestável valorização da razão, do entendimento, do intelecto. Como consequência, acentua-se o *caráter absoluto e universal da razão*, que, partindo do *cogito*, e só com suas próprias forças, descobre todas as verdades possíveis. Daí a importância de um método de pensamento, como garantia de que as imagens mentais — ou representações da razão — correspondam aos objetos a que se referem, que por sua vez são exteriores à própria razão.

Outra consequência do *cogito* é o *dualismo psicofísico* (ou dicotomia corpo-consciência), segundo o qual o ser humano é um ser duplo, composto de substância pensante e substância extensa. Descartes sente dificuldade para conciliar as duas substâncias, cujo antagonismo será objeto de debates durante os dois séculos subsequentes. De fato, o corpo é uma realidade física e fisiológica — e, como tal, possui massa, extensão no espaço e movimento, bem como desenvolve atividades de alimentação, digestão etc. —, por isso, está sujeito às leis deterministas da natureza. Por outro lado, as principais atividades da mente, como recordar, raciocinar, conhecer e querer, não têm extensão no espaço nem localização. Nesse sentido, não se submetem às leis físicas, antes são a ocasião da expressão da liberdade.

Estabelecem-se, portanto, dois domínios diferentes: o corpo, objeto de estudo da ciência, e a mente, objeto apenas de reflexão filosófica. Essa distinção marcará as dificuldades do desenvolvimento das chamadas ciências humanas a partir do final do século XIX.



## PARA SABER MAIS

Já abordamos o pensamento de Descartes nos capítulos 7, "Em busca da felicidade", e 9, "O que podemos conhecer". Sobre a relação corpo e alma em Descartes, consultar os capítulos 7, "Em busca da felicidade".

## 4 O empirismo britânico

Ao contrário do racionalismo, o empirismo enfatiza o papel dos sentidos e da experiência sensível no processo do conhecimento. A tendência empirista disseminou-se principalmente na Inglaterra. De fato, os britânicos tinham forte tradição empirista, que remontava às pesquisas realizadas na universidade de Oxford, no século XIII. Os frades franciscanos Robert Grosseteste e Roger Bacon já naquela época realçavam a significação histórica da ciência e do papel que ela poderia desempenhar na vida da humanidade. Desafiavam portanto a tradição escolástica ao se ocuparem com observações e experimentos ópticos no estudo da natureza da luz, entre outras pesquisas.

Veremos agora Francis Bacon, John Locke e David Hume, expoentes do pensamento empirista nos séculos XVII e XVIII.

### ► Francis Bacon: saber é poder

Francis Bacon (1561-1626) foi um nobre inglês que fez carreira política e chegou a chanceler no governo do rei Jaime I. Como filósofo, planejou uma grande obra, *Instauratio magna* (A grande

instauração), de que faz parte o *Novum organum* (Novo órgão), que por sua vez tem o significativo subtítulo "Indicações verdadeiras acerca da interpretação da natureza".

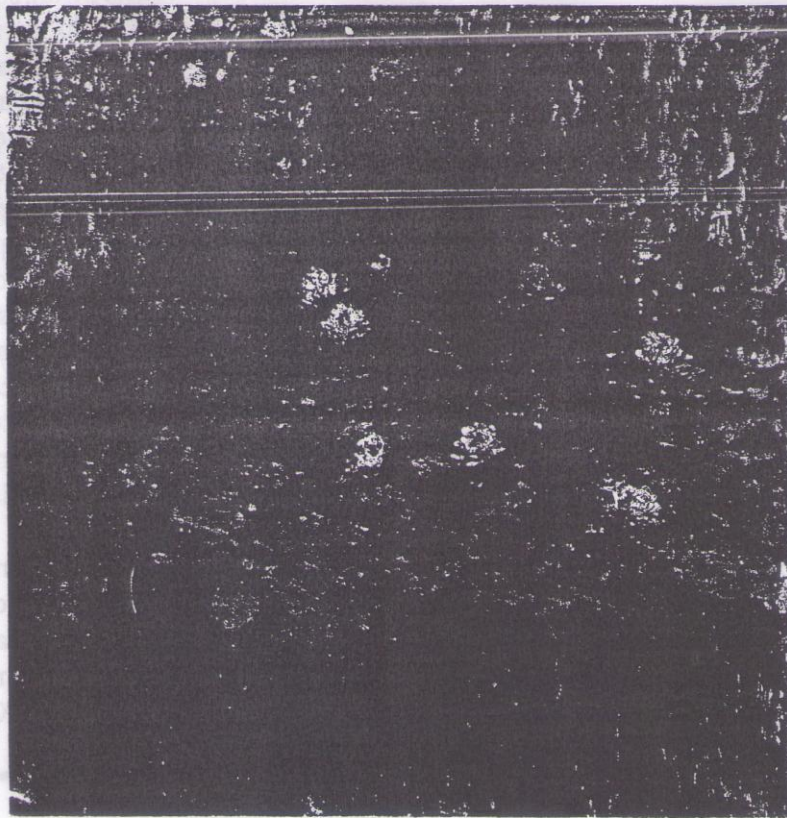
É conhecido como severo crítico da filosofia medieval, por considerá-la desinteressada e contemplativa, uma vez que, de acordo com o espírito da nova ciência moderna, Bacon aspirava a um saber instrumental que possibilitasse o controle da natureza.

Na obra *Novum organum*, o termo "órgão" é entendido como *instrumento do pensamento*. Por isso critica a lógica aristotélica, por considerar a dedução inadequada para o progresso da ciência. A ela opõe o estudo pormenorizado da indução, como método mais eficiente de descoberta, insistindo na necessidade da experiência e da investigação segundo métodos precisos.

Assim diz Bacon:

Os gregos, com efeito, possuem o que é próprio das crianças: estão sempre prontos para tagarelar, mas são incapazes de gerar, pois a sua sabedoria é farta em palavras, mas estéril em obras.<sup>3</sup>

MUSÉE D'ORSAY, PARIS, FRANCE



*Ninfelas azuis*. Claude Monet, 1916-1919.

No final do século XIX e começo do século XX, os pintores impressionistas romperam com a arte tradicional ao pintar ao ar livre, exprimindo a sensação visual das transparências do ar e da água. É possível relacionar o impressionismo ao empirismo, porque ao pintor interessa transpor para a tela a primeira impressão que se forma na retina quando lança seu olhar para a natureza. Sua mente é, como diriam os empiristas, uma folha em branco. As pinceladas curtas, soltas, as puras manchas de cor e a ausência de contorno correspondem às impressões sensíveis – o ponto de partida do conhecimento na matriz empirista.

<sup>3</sup> BACON, Francis. *Novum organum*. Livro I, LXXII.



Bacon inicia seu trabalho pela denúncia dos preconceitos e das noções falsas que dificultam a apreensão da realidade, aos quais chama de ídolos.

- Os *ídolos da tribo* “estão fundados na própria natureza humana, na própria tribo ou espécie humana”. São os preconceitos que circulam na comunidade em que se vive. Trata-se da comodidade das verdades dadas e não questionadas, o que é o contrário do espírito científico, cujas hipóteses devem ser confirmadas pelos fatos. Por exemplo, é o caso das generalizações da astrologia, para ele uma falsa “ciência”.



#### PARA REFLETIR

Discuta com seu colega quais são os principais preconceitos que vigoram no meio em que vocês vivem, seja no país, na escola ou em seus grupos de amizade.

Esses ídolos também levam a explicações **antropomórficas**, ao se atribuir à natureza características propriamente humanas. Por exemplo, os antigos diziam que “a natureza tem *horror ao vácuo*” ou então que “os corpos caem porque eles *tendem* para baixo”. Os alquimistas identificam a natureza bruta com o comportamento humano ao se referir à simpatia e antipatia de certos fenômenos.

#### ETIMOLOGIA

**Antropomórfico.** Do grego *antrópos*, “homem”, e *morphé*, “forma”: o que adquire forma humana.

- Os *ídolos da caverna* são os provenientes de cada pessoa como indivíduo. E completa:

Cada um [...] tem uma caverna ou uma cova que intercepta e corrompe a luz da natureza; seja devido à natureza própria singular de cada um; seja devido à educação ou conversação com os outros; seja pela leitura dos livros ou pela autoridade daqueles que se respeitam e admiram.<sup>4</sup>

Alguns indivíduos observam as diferenças entre as coisas e outros as semelhanças; uns são mais contemplativos, outros mais práticos, e assim por diante. Bacon cita o filósofo pré-socrático Heráclito, que criticava as pessoas por procurarem a ciência em seus pequenos mundos, e não no mundo maior, que seria o mesmo para todos.

- Os *ídolos do mercado* (ou *do foro*) são os que decorrem das relações comerciais, nas quais as pessoas se comunicam por meio das palavras, sem perceberem que a linguagem tem um efeito perturbador, distorce a realidade e nos arrasta para inúteis controvérsias e fantasias. Por exemplo, palavras como “sorte” ou “primeiro motor” referem-se a coisas inexistentes.

**Ídolo.** Do latim *idolum*, e do grego, *eidolon*, que significa “imagem”. Do ponto de vista religioso, é a imagem de uma divindade para ser cultuada. Para Bacon, significa ideia falsa e ilusória.



Ruínas do Fórum romano (Roma), em 2000. O *forum* era o centro da vida romana, onde eram tratados assuntos de interesse público e privado nos estabelecimentos comerciais, nos templos e nos tribunais.

<sup>4</sup> BACON, Francis. *Novum organum*. Livro I, LXXII.

## E ETIMOLOGIA

Foro. Do latim *forum*, "praça pública", "mercado".

- Os *ídolos do teatro* são os "ídolos que imigraram para o espírito dos homens por meio das diversas doutrinas filosóficas e também pelas regras viciosas da demonstração". Por isso compara os sistemas filosóficos a fábulas que poderiam ser representadas no palco. Muitas vezes essas doutrinas mesclam-se com a teologia, o saber comum ou as superstições arraigadas. Por isso, mais do que teorias, valeria pesquisar as leis da natureza.

### ► De formigas, aranhas e abelhas

Para Bacon, apenas após a depuração do pensamento desses ídolos que o corrompem é que o método indutivo poderia ser aplicado com rigor. Não se trata porém da indução aristotélica, mas de uma indução que se constitui como chave interpretativa. Ou seja, o cientista deve fazer uma série de interrogações à natureza e pela experimentação forçá-la a responder.

Nesse sentido, é interessante a comparação feita por Bacon para criticar tanto os racionalistas como os empiristas, mostrando-se como alguém que parte dos sentidos e da experiência, mas vai além deles:

Os que se dedicaram às ciências foram ou empíricos ou dogmáticos. Os empíricos, à maneira das formigas, acumulam e usam as provisões; os racionalistas, à maneira das aranhas, de si mesmos extraem o que lhes serve para a teia. A abelha representa a posição intermediária: recolhe a matéria-prima das flores do jardim e do campo e com seus próprios recursos a transforma e digere.<sup>5</sup>

A importância de Bacon decorre da valorização da experiência, fundamental para o desenvolvimento da ciência. Até hoje nos referimos ao *ideal baconiano* para designar essa esperança desmedida nos benefícios da ciência e do progresso, cujas consequências danosas começamos a sentir no século XX, com a devastação da natureza.

As falhas de seu método devem-se a não ter construído um sistema completo, enquanto seus exemplos de indução são menos exatos que o método indutivo-dedutivo de Galileu. Além disso, Galileu teve o mérito de recorrer à matemática, enquanto a física de Bacon restringia-se às qualidades corporais.

<sup>5</sup> BACON, Francis. *Novum organum*. Livro I, XCV.

## PARA REFLETIR

O ideal baconiano, segundo o qual "saber é poder", mostrou-se no século XX como uma experiência danosa ao se buscar o progresso a qualquer custo. Converse com um colega para listar exemplos de como o desenvolvimento tecnológico pode ao mesmo tempo trazer benefícios e causar riscos e danos às pessoas e ao meio ambiente.

### ► John Locke: a *tabula rasa*

O filósofo inglês John Locke (1632-1704) elaborou sua teoria do conhecimento na obra *Ensaio sobre o entendimento humano*, que tem por objetivo saber "qual é a essência, qual a origem, qual o alcance do conhecimento humano".

## PARA SABER MAIS

Locke também foi importante como teórico do liberalismo, como veremos no capítulo 24, "A autonomia da política".



O selo de cera era usado para lacrar documentos e em seguida imprimia-se o carimbo que identificava o remetente. Locke usa o exemplo para comparar com a mente, que inicialmente é igual a uma cera em que ainda nada foi inscrito.

Locke critica a doutrina das ideias inatas de Descartes, afirmando que a alma é como uma *tabula rasa* — tábua sem inscrições —, como um pedaço de cera em que não há qualquer impressão, um papel em branco. Por isso o conhecimento começa apenas a partir da experiência sensível. Se houvesse ideias inatas, as crianças já as teriam, além de que a ideia de Deus não se encontra em toda parte, pois há povos sem essa representação ou, pelo menos, sem a representação de Deus como ser perfeito.

Se estabelecermos uma comparação com a teoria do conhecimento cartesiana, podemos dizer que, enquanto Descartes enfatiza o papel do *sujeito* no processo do conhecimento, Locke enfatiza o papel do *objeto*.

### ► A origem das ideias

Ao investigar a origem das ideias, ao contrário dos filósofos racionalistas, que privilegiam as verdades de razão — típicas da lógica e da matemática —, Locke preferiu o caminho psicológico ao indagar como se processa o conhecimento. Distingue, então, duas fontes possíveis para nossas ideias: a *sensação* e a *reflexão*.

- **A sensação**, cujo estímulo é externo, resulta da modificação feita na mente por meio dos sentidos.

Locke observa que pela sensação percebemos que as coisas têm qualidades que podem produzir as ideias em nós. Essas qualidades são primárias e secundárias:

As *qualidades primárias* são *objetivas*, por existirem realmente nas coisas: a solidez, a extensão, a configuração, o movimento, o repouso e o número.

As *qualidades secundárias*, ao contrário das primárias, variam de sujeito para sujeito e, como tais, são em parte relativas e *subjetivas*; são elas cor, som, odor, sabor etc.

- **A reflexão**, que se processa internamente, é a percepção que a alma tem daquilo que nela ocorre. Portanto, a reflexão fica reduzida à *experiência interna* do resultado da *experiência externa* produzida pela sensação.



As cores da palheta são qualidades secundárias, portanto subjetivas. Já a palheta, que é um objeto de madeira, tem as qualidades primárias e objetivas de extensão e solidez.

Assim, a razão reúne as ideias, as coordena, compara, distingue, compõe, ou seja, as ideias entram em conexão entre si. Portanto, as *ideias simples* que vêm da sensação combinam-se entre si, formando as *ideias complexas*, por exemplo as ideias de identidade, existência, substância, causalidade etc.

Nesse sentido, Locke conclui que não podemos ter ideias claras e distintas, como pensara Descartes. E como o intelecto “constrói” essas ideias, não se pode dizer, como os antigos, que conhecemos a essência das coisas. Por serem formadas pelo intelecto, as ideias complexas não têm validade objetiva, são apenas nomes de que nos servimos para ordenar as coisas. Daí o seu valor prático, e não cognitivo.

### ... PARA REFLETIR

Se você leu com atenção o capítulo anterior, no qual abordamos a questão dos universais, poderá comparar a posição sobre as ideias complexas de Locke com a do *nominalista* Guilherme de Ockam, um monge inglês. Quais são as semelhanças?

Se o intelecto sozinho não é capaz de inventar ideias, mas depende da experiência, que fornece o conteúdo do pensamento, como fica para Locke a ideia de Deus, já que todo conhecimento passa necessariamente pelos sentidos? Para ele, só estamos “menos certos” com relação à existência das coisas externas, mas o mesmo não ocorre quando se trata da existência de Deus. Por certeza intuitiva, sabemos que o *puro nada* não produz um ser real; ora, se os seres reais não existem desde a eternidade, eles devem ter tido um começo, e o que teve um começo deve ter sido produzido por algo. E conclui que deve existir um Ser eterno, que pode ser denominado Deus.

Desse modo, o empirista Locke recorre a um argumento metafísico para provar a existência de Deus. Veremos a seguir como Hume aprofunda o empirismo com mais vigor e, no próximo capítulo, trataremos da ousadia de Kant para ir às últimas consequências do ponto de vista epistemológico.

### ► David Hume: o hábito e a crença

David Hume (1711-1776), filósofo escocês, levou mais adiante o empirismo de Francis Bacon e John Locke.

### ++ PARA SABER MAIS

Já aprendemos sobre Hume no capítulo 9, “O que podemos conhecer?”. Voltaremos a ele no capítulo 20, “Teorias éticas”.

Conforme a tradição empirista, em sua obra *Tratado da natureza humana*, Hume preconiza o método de investigação, que consiste na observação e generalização. Afirma que o conhecimento tem início com as *percepções* individuais, que podem ser *impressões* ou *ideias*. A diferença entre elas depende apenas da força e vivacidade pelas quais as percepções atingem a mente.

- As **impressões** são as *percepções* originárias que se apresentam à consciência com maior vivacidade, tais como as sensações (ouvir, ver, sentir dor ou prazer etc.).
- As **ideias** são as *percepções* derivadas, cópias pálidas das impressões e, portanto, mais fracas.

Nesse sentido, o sentir (impressão) distingue-se do pensar (ideia) apenas pelo grau de intensidade. Além de que a impressão é sempre anterior e a ideia dela depende. Desse modo, Hume rejeita as ideias inatas.

As ideias, por sua vez, podem ser complexas, quando pela imaginação as combinamos entre si por meio de associações. Hume dá o exemplo de uma montanha de ouro e de um centauro.



O centauro é fruto da imaginação humana, pois associamos as ideias de cavalo e de homem em uma só figura. Nesta tela de Pompeo Batoni, *Aquiles e o centauro Quíron* (1746), o centauro Quíron, preceptor de Aquiles, herói grego da guerra de Troia, ensina o discípulo a usar a razão e a força.

A imaginação é um feixe de percepções unidas por associação a partir da semelhança, da contiguidade (no espaço ou no tempo) e da relação de causa e efeito. No entanto, essas relações não podem ser observadas, pois não pertencem aos objetos. As relações são apenas modos pelos quais passamos de um objeto a outro, de um termo a outro, de uma ideia particular a outra, simples passagens externas que nos permitem *associar* os termos a partir dos princípios de causalidade, semelhança e contiguidade.

Por exemplo, quando uma bola de bilhar choca-se com outra, que então se põe em movimento, não há nada na experiência que justifique denominar a primeira bola como causa do movimento da segunda. Do mesmo modo, ao associarmos calor e fogo, peso e solidez ou concluirmos que o sol surgirá amanhã porque surgiu ontem e hoje.

Hume nega, portanto, a validade universal do princípio de causalidade e da noção de necessidade a ele associada. O que observamos é a sucessão de fatos ou a sequência de eventos e não o nexos causal entre esses mesmos fatos ou eventos. É o *hábito* criado pela observação de casos semelhantes que nos faz ultrapassar o dado e afirmar mais do que a experiência pode alcançar. A partir desses casos, supomos que o fato atual se comportará de forma análoga. A única base para as ideias ditas gerais, portanto, é a *crença* — e não a certeza —, que, do ponto de vista do entendimento, faz uma extensão ilegítima do conceito.

## 5 Para finalizar

Neste capítulo vimos que, no século XVII, a questão epistemológica adquiriu um interesse central sobretudo no pensamento dos filósofos Descartes, Bacon, Locke e Hume, ao estabelecerem métodos para investigar o alcance e limites do conhecimento humano.

Desse modo, deu-se o confronto entre duas tendências opostas: o racionalismo e o empirismo. Os racionalistas confiam na capacidade humana de atingir verdades universais e eternas, enquanto os empiristas questionam o caráter absoluto da verdade, pois para estes o conhecimento parte de uma realidade em transformação constante, na qual tudo é relativo ao tempo, ao humano.

As consequências do confronto entre empirismo e racionalismo serão objeto das reflexões de Kant, ainda no século XVIII. Veremos no próximo capítulo como o pensamento kantiano influenciou fortemente a filosofia do século XIX.

# Leitura complementar

## O mundo e a consciência

“O dualismo cartesiano e a doutrina da total separação das substâncias levam, no limite, a um estranhamento da consciência em relação ao mundo. Mas hoje sabemos que a consciência não pode ser posta como uma entidade absolutamente autônoma e separada, a não ser em termos estritamente metodológicos. Por isso somos levados a considerar não apenas o problema das relações *entre* a consciência e o mundo, como também a questão, para nós talvez mais premente, da consciência *no* mundo. Pois o progresso e a obtenção da sabedoria através do correto exercício da razão são inseparáveis da consideração da *história* da humanidade, em que Descartes toca apenas superficialmente. Hoje sabemos que todas as realizações humanas, e mesmo a relação do homem com aquilo que eventualmente o ultrapassa e o transcende, passam pela mediação da história, que é necessariamente o nosso contexto de conhecimento e de ação.

Isso nos leva a procurar saber, principalmente diante do desenvolvimento histórico dos últimos tempos, até que ponto o homem é senhor de suas próprias realizações. Há elementos para acreditar que, embora os *meios* que o progresso técnico e científico colocou à disposição dos homens tenham um alcance incalculável, a capacidade de servir-se de tais meios para promover os *fins* mais compatíveis com a felicidade e a dignidade humanas é limitada. Para Descartes, a *sabedoria* deveria aproximar meios e fins. Mas ele concebia essa relação sem a mediação significativa do desenvolvimento histórico que obrigatoriamente aí se interpõe. A experiência nos ensinou que o progresso do saber nem sempre caminha junto com o progresso da sabedoria e que os homens por vezes parecem ter dificuldades para lidar com os frutos do conhecimento: os produtos da ciência ameaçam voltar-se contra nós. É essa uma perspectiva que contraria completamente as mais autênticas aspirações da filosofia cartesiana, mas que, ainda assim, se coloca como distorção a ser compreendida a *partir* do ideal de conhecimento como domínio e posse da natureza.

Desse modo, podemos dizer que a filosofia de Descartes projeta a luz e a sombra. A consciência humana, através do saber e dos produtos desse saber, pode iluminar o mundo e a vida. Mas, se o progresso do saber não estiver vinculado aos parâmetros de autonomia, liberdade, dignidade e felicidade, o futuro do homem pode apresentar-se como um horizonte sombrio.

Entre essas duas faces da herança cartesiana, cabe ao homem escolher.”

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. *Descartes, a metafísica da modernidade*. São Paulo: Moderna, 1993. p. 103-104. (Coleção Logos).

### Questões

- 1 Qual é a distinção feita pelo autor entre consciência e mundo e consciência **no** mundo?
- 2 Em que sentido Descartes teria descartado a história?
- 3 Explique o que significa dizer que a filosofia de Descartes projetou luz e sombra.

## Revedo o capítulo

- 1 Releia a legenda das imagens que abrem o capítulo e reveja sua resposta à questão ali formulada. O que representa, do ponto de vista do conhecimento, o contraste entre as duas representações?
- 2 Por que não se pode dizer que a dúvida de Descartes o transforma em um filósofo cético?
- 3 Sob que aspectos Locke discorda de Descartes?
- 4 Qual a principal diferença entre o racionalismo e o empirismo? Faça um esquema para demonstrar sua resposta.

## Aplicando os conceitos

- 5 Atribua as citações seguintes a Descartes ou a Locke e justifique sua resposta.
  - a) "... penso não haver mais dúvida de que não há princípios práticos com os quais todos os homens concordam e, portanto, nenhum é inato."
  - b) "Primeiramente, considero haver em nós certas noções primitivas, as quais são como originais, sob cujo padrão formamos todos os nossos outros conhecimentos."
- 6 "A verdadeira causa e raiz de todos os males que afetam as ciências é uma única: enquanto admiramos e exaltamos de modo falso os poderes da mente humana, não lhe buscamos auxílios adequados." (Francis Bacon. *Novum Organum*. Livro I, aforismo IX.)

Responda.

  - a) O que Bacon critica nesse aforismo?
  - b) Quais seriam os "auxílios adequados" que deveriam ser buscados?
- 7 "O *hábito* é, pois, o grande guia da vida humana. É aquele princípio único que faz com que nossa experiência nos seja útil e nos leve a esperar, no futuro, uma sequência de acontecimentos semelhante às que se verificaram no passado. Sem a ação do hábito, ignoraríamos completamente toda questão de fato além do que está imediatamente presente à memória ou aos sentidos." (David Hume. *Investigação sobre o entendimento humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 145-146.)
  - a) Para Hume, qual é o papel do hábito no conhecimento?
  - b) Explique essa afirmação: A noção de hábito levou Hume ao ceticismo.

## Caiu no vestibular

- 8 (UFMG 2006) Leia este trecho.

"Suporei, pois, que há não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte da verdade, mas certo gênio maligno, não menos ardiloso e enganador do que poderoso, que empregou toda a sua indústria em enganar-me. Pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas exteriores que vemos são apenas ilusões e enganos de que ele se serve para surpreender minha credulidade. Considerar-me-ei a mim mesmo absolutamente desprovido de mãos, de olhos, de carne, de sangue, desprovido de quaisquer sentidos, mas dotado da falsa crença de ter todas essas coisas. Permanecerei obstinadamente apegado a esse pensamento; e se, por esse meio, não está em meu poder chegar ao conhecimento de qualquer verdade, ao menos está ao meu alcance suspender meu juízo. Eis por que cuidarei zelosamente de não receber em minha crença nenhuma falsidade, e prepararei tão bem meu espírito a todos os ardis desse grande enganador que, por poderoso e ardiloso que seja, nunca poderá impor-me algo." (Descartes. *Meditações*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 88-89.)

Nesse trecho, o autor refere-se aos grandes poderes de um suposto gênio maligno. Com base na leitura desse trecho e considerando outras ideias contidas nessa obra de Descartes, redija um texto explicando como o filósofo se mostra capaz de vencer o gênio maligno.

- 9 (UEL 2007) Segundo Francis Bacon, "são de quatro gêneros os ídolos que bloqueiam a mente humana. Para melhor apresentá-los, lhes assinamos nomes, a saber: Ídolos da Caverna; Ídolos do Foro e Ídolos do Teatro". (F. Bacon. *Novum Organum*. Trad. de José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 21.)

Com base nos conhecimentos sobre Bacon, os Ídolos da Tribo são:

- a) os ídolos dos homens enquanto indivíduos.
- b) aqueles provenientes do intercurso e da associação recíproca dos indivíduos.
- c) aqueles que imigraram para o espírito dos homens por meio das diversas doutrinas filosóficas.
- d) aqueles fundados na própria natureza humana.